

A NAPOLEÃO I
 Se levantou esta estatua no
 local que o imperador
 occupava no campo de
 Bolonha em 1804.
 Foi inaugurada
 A 21 de Junho de 1856,
 Dia do baptismo do principe
 imperial,
 Ivan do rein. de Napoleão III
 Depois de assignada a paz
 que terminou a guerra
 do Oriente
 Sustentada pela Franca
 Inglaterra alliadas.

ESTATUA DE NAPOLEÃO I EM BOULOGNE.

A 4 de setembro de 1854 sua magestade el-rei D. Pedro v e sua alteza real o senhor infante D. Luiz, vindo de Ostende, foram recebidos com todas as honras e distinctissimos obsequios por sua magestade o imperador dos francezes, quando este acabava de passar revista ás tropas do vasto acampamento de Boulogne. Sua magestade e seu augusto irmão passaram o dia no acampamento de Honvault, assistiram á revista de tres regimentos de linha e dois batalhões de caçadores, e jantaram com o imperador, de quem se despediram ás sete horas e meia. N'essa occasião visitaram tambem Boulogne e immediações

VOL. V—3ª. SERIE.

o rei dos belgas e o principe Alberto, esposo da rainha Victoria.

O acampamento de Boulogne-sur-mer, formado quando se ateava mais a guerra hoje felizmente terminada, estendia-se em varias secções, e (como diz o imperador em sua proclamação ás tropas datada de 2 de setembro do referido anno) occupava um triangulo, de que St. Omer era o vertice, dilatando-se a base desde Ambleteuse até Montreuil. Este triangulo tinha, pois, oito leguas de base por doze de altura, e todas as tropas estavam de tal modo collocadas que dentro em vinte e quatro horas podiam

OUTUBRO 11, 1856.

concentrar-se em qualquer ponto do triangulo.

O povo de Boulogne commemorou o baptismo do principe imperial não só com fogos de artificio e musicas, mas tambem inaugurando a estatua de Napoleão I, desenhada por Beten Court, e modelada por Gossin Junior, erecta no sitio que a inscripção declara, e d'onde se avista a bahia; logo defronte acham-se as ruinas romanas denominadas « torres de Caligula », e que serviam de observatorio ao primeiro imperador dos francezes.

A figura tem o rosto voltado para a costa d'Inglaterra. Na face do pedestal lisa gravaram a inscripção que ali se lê, e a estampa mostra.

EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

Conclusão.

IV

Navegavamos ao longo da costa occidental d'Africa, entre Loanda e Ambriz, tendo saído do primeiro d'estes portos com destino ao segundo, para verificar se nas barracas de negocio estabelecidas no territorio do marquez de Mosullo havia objectos destinados ao trafico da escravatura.

Era noite; noite escurissima; sem luar, nem estrellas. Uma aragem bonançosa empurrava preguiçosamente o navio para o norte; e a maruja dormia ao longo das amuradas, fazendo travesseiros dos duros trincanizes e dos, não menos duros, cabos da manobra.

Como então lembra a patria! Como o pobre nauta se recorda dos parentes, dos amigos, que deixou a milhares de leguas de distancia, e que, provavelmente, não pensam a essa hora no desterrado!.....

Estou de quarto. O relajo da bitacula marca onze horas. Pedem-me licença para tocar seis *ampulhetas* no sino. As vigias bradam *álerta*.

— Chega cá dois á *barca*.

— Prompto?... prompto.

— Vira.

— Tópo.

Anda uma milha e quatro decimos o ronzeiro do navio.

— Quem está ahi com o *carritel*?

— Sou eu, senhor.

— Oh! és tu, Leonardo...

Vou contar-vos como contribui para livrar da mais horrorosa das mortes este pobre mulato... É uma das melhores acções da minha vida, e julgo ter resgatado com ella muitas das faltas de que possa ser accusado.

Chamarei Leonardo ao homem, porque me não lembra n'este momento o seu verdadeiro nome, com quanto lhe fallasse em Lisboa ainda ha bem pouco tempo.

Leonardo era mestre de uma lancha das que vão buscar agua ao Bengo, ou madeira ao Dande. Passava uma noite, descuidado, por entre os coqueiros do Bungo, dirigindo-se á praia, para embarcar, quando uma patrulha de *empacaceiros* lhe deitou a mão, e sem admittir razões o conduziu ante o chefe da policia de Loanda. É apalpado da cabeça até aos pés, encontra-se-lhe um prumo pequeno, com a competente sundureza, e uma faca sem ponta, objectos pertencentes á sua profissão; como porém, minutos antes da captura, e no mesmo sitio, fóra roubada a casa de um rico negociante de escravos, o chefe de

policia entende que achou no mulato o procurado roubador, conclue que o prumo servia para medir a altura das janellas sobre a rua, e quanto á faca, apesar de romba, classifica-a de instrumento mortifero, e como tal defeso o seu uso. Vae o pardo para a cadêa, e dá-se parte do acontecido ao governador. Este, um militar valente mas sem alma, dispensa mais esclarecimentos, e remette para bordo do brigue o infeliz Leonardo, ordenando ao commandante que mandasse chibatar este novo Simão Lopes Soliz, até que o cirurgião declarasse que não podia levar mais!.....

Crêdes que estou inventando um conto horroroso com o fim de vos commover?... Não. Digo a verdade sem adornos. Posso mostrar-vos bastantes testemunhas do factó. O mesmo commandante. A propria victima.

O barbaro governador morreu... Deus o terá julgado!

Não mencionarei o seu nome.

O brigue, elevado por s. ex.^a ás honras de matadoiro, já antes tinha recebido a seu bordo outra vez para o sacrificio... Era um velho de sessenta annos! No fim de cem varadas, o nobre cirurgião (que morreu depois, victima da *carneirada*) declarou em nome da arte e da humanidade, que o ancião não podia receber mais castigo.

Porém o caso agora era differente. Leonardo era um homemzarrão, alfo, forte, membrudo... quando caisse, estava morto!

— É preciso salvá-lo! disse eu, comigo mesmo, e concentrando n'este santo desejo todo o poder da minha vontade.

Fui procurar o cirurgião, honrado mancebo, que era um complexo de virtudes.

— Doutor, lhe disse, vamos fallar ao commandante acerca d'este homem, que deve ser morto amanhã covardemente, na nossa presença.

— Vamos, respondeu sem hesitar o joven Esculapio.

E entrámos na camara do brigue.

O commandante, optimo official de marinha e respeitador da disciplina, tinha genio aspero e modos bruscos, que o tornavam geralmente temido a bordo. Quando ouviu o nosso pedido, para deixar de ser chibatado o preso, rompeu n'uma gritaria infernal, e quasi que nos poz pela porta fóra aos empurrões.

Nós, porém, estavamos familiarisados com aquellas explosões, e sabiamos que o homem não era sanguinario. Arreámos-lhe *filame* (para fallar em termos maritimos) e só quando elle acabou de esbravejar, tomámos de novo a palavra.

— Pois hade matar-se um homem, sem provas de haver commettido crime? disse eu.

— Pois o commandante quer ficar com os remorsos de ter mandado assassinar um innocente? acrescentou o doutor.

Nova explosão do commandante!

Já estava rouco de gritar.

— Não sou eu que o mando matar, é o governador.

— Mas o governador não fez as averiguações precisas; não ha processo judicial contra o mulato, e é a Providencia que o quiz salvar, fazendo com que viesse para bordo, em vez de ser dilacerado na frente do esquadrão de cavallaria, ou no quadrado do quartel de S. Antonio.

A trovoadá roncava ainda, mas conhecia-se que ia abonanzando.

O commandante já discutia.

Por encurtar razões: a humanidade venceu a disciplina no animo do capitão, e Leonardo não soffreu a tortura das chibatadas. Logo vereis como se provou que estava innocente do crime que lhe imputavam, e calculareis a minha alegria, e a satisfação do commandante.

Navegavamos ao longo da costa entre Loanda e Ambriz, diziamos nós, antes da apparição de Leonardo, e agora accrescentaremos que nos suppunhamos na altura do rio Dande, posto que a escuridade da noite não permittisse enxergar as barreiras brancas e vermelhas, que talham a costa a pique n'esta paragem.

Supponha o leitor que já passou uma hora; que vaes dar meia noite na sineta do navio, e que eu me disponho para entregar o quarto, e ir dormir descansado, quando a vigia do portaló de estibordo brada:

— Um navio!

— Em que direcção? pergunto.

— Pelo nosso travez. . . á terra.

— É verdade, lá está, parece-me um brigue; talvez crusador inglez

Chama-se o commandante, que apparece rapidamente sobre a tolda, munido do famoso oculo de noite. Assesta a lente sobre a embarcação, e diz logo, com segurança:

— Não é navio de guerra.

— Quanto anda o brigue? accrescenta.

— Quasi nada, respondo eu, meia milha, se tanto.

— Mande alar avante a lancha.

(A lancha vinha a reboque na pôpa, como é costume n'estas navegações de cabotagem.)

— Arma a sua guarnição. Um official prompto para serviço.

O leitor já tem visto apromptar e largar de bordo do brigue differentes embarcações miudas.

Quando a lancha se aproximou do navio que buscava, e no qual reconheceu um formoso brigue-escuna, bradaram-lhe de bordo:

— O da embarcação! Que quer d'este navio?

O official não respondeu, e mandou picar a voga.

— O da lancha! Se te aproximas mais, metto-te no fundo.

Os nossos fizeram mais força de remos.

— Fogo! bradou uma voz a bordo do brigue-escuna.

Um grande clarão illuminou momentaneamente o espaço, seguido de perto pelo ribombo do canhão, e uma bala veio partir o pau da bandeira da lancha, e levou o chapeo do patrão que dirigia o leme.

Ainda quizeram avançar para o brigue-escuna, porém outro tiro de peça, seguido de uma descarga de fusilaria, que feriu dois homens, obrigou o official a mudar de rumo.

Lançou ao ar dois foguetes, que era o signal convençãoado de correr perigo a embarcação destacada, e o brigue reconheceu logo com identica demonstração, dando pouco depois uma banda d'artilheria, para avisar o inimigo de que estava na presença de um navio de guerra, e que toda a resistencia seria prejudicial para elle.

Largou logo um escaler com onze marinheiros e um guarda-marinha, em auxilio da lancha, levando instrucções para combinar com ella um plano d'ataque.

O plano adoptado foi o seguinte.

Em quanto a lancha, com uma pecinha que levava na proa, figurava um perigoso simulacro de com-

bate, atacando de costado o brigue-escuna; ia o escaler, com os remos forrados de panno no lugar das toleteiras, afim de fazer o menor ruido possível, collocar-se nas aguas do navio inimigo, e tentar abordo-o pela pôpa.

Entretanto uma aragemzinha do mar aproximava o brigue do atrevido negreiro (não se podia duvidar de que o fosse.)

O escaler chegando, sem ser presentido, á pôpa do brigue-escuna, lançou na tolda toda a sua guarnição, armada de espadas e pistolas, que avançou galhardamente contra a tripulação negreira, e foi recebida com egual denado.

Ouvindo os gritos de victoria de seus camaradas, os da lancha apertaram com os rémos, e chegaram ao costado do brigue-escuna, ainda a tempo de prestarem valioso auxilio aos do escaler.

Todavia, a gente do navio negreiro era muita e resoluta. Defendiam-se como leões, atacavam como tygres.

Se o brigue se não aproxima a alcance d'artilheria, nenhum dos contendores ficava de pé. Ainda assim jaziam no convex alguns cadaveres.

— Rende-te! bradou o commandante, pelo porta-voz.

— Rendamo-nos, disse o piloto para os que o seguiam na defesa do castello, á proa, seu ultimo reducto: o capitão foi morto. . . rendamo-nos.

— Rendamo-nos, clamaram todos aquelles homens, dignos de pelejar por melhor causa. E abaixaram os canos das espingardas e as pontas das espadas.

N'esse momento entrava eu a bordo do brigue-escuna, com outro reforço de marinhagem e soldados, e acompanhava-me o Leonardo, que não queria separar-se um momento sequer do seu milagroso protector.

Achando pacificada a contenda, mandei largar as armas a toda a tripulação do navio apresado, e ordenei que formassem em linha do lado de estibordo; a gente do brigue apresador formou tambem, por determinação minha, do lado de bombordo, e passámos a averiguar quem faltava de uma e outra embarcação.

Tinhamos um marinheiro morto e quatro feridos; do brigue-escuna succumbira o capitão e um marujo, além de varios feridos e contusos.

Para evitar qualquer roubo no espolio dos finados, mandei logo conduzir para a tolda as competentes malas e caixas; porém qual foi o nosso espanto, quando em um sacco do marinheiro morto appareceram as joias roubadas ao negociante de Loanda, dono do navio apresado, e por cujo furto fora condemnado a açoites mortaes o pobre Leonardo!

Não sei se a lição aproveitaria ao aspero governador.

Outra surpresa me esperava ainda a bordo do brigue-escuna. No capitão que baqueara como valente á testa dos seus, reconheci o nosso antigo conhecido Carlos Antonio Pedrozo. O naufrago da *Amazona*, o fugitivo da *Minerva*, o prisioneiro do *Nereyda*, fechara a sua carreira maritima, varado por muitas balas, sobre o convex do brigue-escuna *Amphytrite*.

Paz ás suas cinzas, e Deus tenha tido commiserção com elle!

O *Amphytrite* já tinha escravos a bordo. Mais de seiscentos homens, mulheres e creanças, estavam accumulados no estreito baile de um navio de du-

zentas toneladas! A tripulação do brigue-escuna passou para nosso bordo, e um guarda marinha, o apressador, com doze marinheiros foi guarnecer a nova presa, e conduzi-la a Loanda.

Nós seguimos a nossa derrota para o Ambriz, aonde ancorámos no dia seguinte.

Passado mais um anno voltámos a Lisboa.

F. M. BORDALO.

O OLHO E A VISÃO.

I

Os animaes estabelecem suas relações com o mundo exterior por meio d'apparelhos organicos. Esses aparelhos acham-se construídos de tal modo, que podem receber impressões dos corpos exteriores, e transmittil-os até ao cerebro onde vão produzir sensações. A alma operando d'um modo que ignoramos sobre a sensação toma conhecimento d'ella, converte-a em percepção. Esses aparelhos são chamados dos sentidos, seu numero é variavel nos differentes animaes; no homem são cinco.

Constam todos de tres partes distinctas na structura e na funcção, 1.^a um aparelho especial, de complicação differente conforme a perfeição do animal e destinado a recolher as impressões externas; 2.^a d'um nervo que estabelece a ligação do primeiro aparelho com o cerebro; 3.^a de uma porção de encephalo que elabora as impressões.

De todos os aparelhos dos sentidos, o mais necessario ao homem é o da visão; foi por isso que começamos por fallar d'elle, reservando talvez para mais tarde o dizer alguma coisa dos outros.

O estudo do aparelho da visão, e da funcção que elle executa é um dos pontos mais curiosos da physiologia animal. A cada passo nos dá logar a admirar a sabedoria, que presidiu á sua confecção.

No aparelho tudo se acha sabia e maravilhosamente disposto: se se passa ao estudo da funcção mais objectos de admiração encontramos. Que infinidade de phenomenos importantes cuja explicação infelizmente ignoramos! E o homem que quer penetrar a immensidade do espaço, ler nos ceos, achar as leis geraes da natureza, não pode conhecer o que n'elle passa, não pode achar a explicação dos phenomenos que á primeira vista parecem mais insignificantes! Tão pequeno elle é em relação á grande obra da criação! Tomámos para typo o aparelho da visão do homem, a esse havemos de referir o dos outros animaes.

Na parte anterior e mais alta da face foram collocados os olhos do homem, e era o logar mais conveniente para sua collocação, para poderem d'ahi mergulhar em todo o horisonte. Sendo o olho um aparelho muito delicado, constituido só por partes molles, precisava de protecção que o abrigasse das violencias exteriores.

O aparelho protector do globo do olho consta de differentes partes diversamente organisadas, cada uma das quaes concorre de modo differente para o mesmo fim, livrar o olho de violencias exteriores e da impressão d'uma forte luz. Essas partes são as orbitas, sobrance-lhas, palpebras, e o aparelho lacrimal.

Orbitas — São as duas cavidades osseas onde os olhos se acham mettidos; sua disposição é tal que a parede externa é ao mesmo tempo a mais curta e uma

das mais valentes; é pouco extensa para augmentar a extensão do campo da visão para o lado externo, e bastante forte porque é pelo lado externo que o olho se acha mais exposto ás violencias exteriores. O olho não está em contacto immediato com as paredes osseas, acha-se separado d'ellas por musculos e principalmente por um colção gorduroso, que serve para facilitar os movimentos do orgão. Na parte posterior da orbita ha uma abertura por onde passa o nervo que liga o olho com o cerebro para a visão, o *nervo optico*. Além d'esta ha muitas outras aberturas com differentes fins, e por algumas d'ellas passam nervos e vasos importantes, os quaes servem já para a nutrição do orgão, já para os seus movimentos. A orbita serve finalmente para dar um ponto d'apoio aos musculos que devem fazer mover o globo do olho.

Sobrance-lhas. — A parede superior da orbita quando se reflecte anteriormente para se continuar com o osso da fronte, apresenta um rebordo grosso e saliente, é a arcada supraciliar. Esta saliencia é coberta por partes molles, que são revestidas de pellos, e a reunião d'estas partes constitue as sobrance-lhas.

As sobrance-lhas protegem o globo do olho das violencias exteriores pela sua posição em um plano mais anterior; não deixam que os corpos leves que andam superiores na atmospha caiam para dentro do olho. Retendo o suor da fronte evitam que elle vá offender a superficie ocular. Finalmente os pellos servem para diminuir a intensidade da luz, quando ella fór tal que possa offender o orgão da visão, é por isso que os pellos são mais espessos, e negros nos individuos dos paizes meridionaes, que nos dos paizes septentrionaes. Os primeiros expostos a um sol ardente precisavam mais de resguardar o aparelho de visão que os segundos.

As sobrance-lhas tambem servem para a expressão da face, representam um papel importante na expressão das paixões, enrugam-se e aproximam-se quando a colera, o odio, etc. estão subjugando o individuo, desdobram-se, afastam-se e levantam-se quando o individuo se acha de bom humor.

Palpebras. — São os veos moveis que se acham por diante do olho, e que ora se aproximam ora se afastam, escondendo ou deixando a descoberto a parte anterior do orgão. No homem são em numero de tres: duas perfeitamente desinvolvidas e uma rudimentar, esta é facil de se ver fazendo dirigir o olho para o lado externo, observa-se então no angulo interno proximo da raiz do nariz uma dobra membrana d'uma cor mais ou menos rosada, e que cobre uma extensão variavel do globo ocular, é a terceira palpebra.

Esta terceira palpebra é muito desinvolvida em alguns animaes, sobretudo nas aves. A palpebra superior é maior e mais movel que a inferior; ambas são formadas de partes molles em quasi toda a sua extensão; proximo do bordo livre tem cada uma d'ellas um disco cartilaginoso destinado a obstar ao enrolamento da palpebra. — O bordo livre termina por pellos que n'este logar se chamam *celhas*.

A palpebra tem transparencia sufficiente para deixar passar a luz. Estando com os olhos fechados percebemos se nos achamos na obscuridade; o apparecimento d'uma luz acorda-nos muitas vezes. A grandeza apparente do globo do olho depende do grau d'abertura que deixam as palpebras; ás vezes parecerá pequeno um globo ocular que realmente é grande, se a abertura palpebral fór pequena.

As palpebras protegem o olho da acção d'uma luz muito intensa, servem para o abrigar do contacto dos corpos exteriores, e sobretudo para untar a superficie do olho espalhando sobre elle as lagrimas, que conduzem depois para as ventas.

As celhas tem usos analogos aos das sobrancelhas, sua disposição é tal que nunca se misturam as da palpebra superior com as da inferior. Das partes destinadas a proteger o globo ocular, as palpebras são das mais importantes. A prova mais concludente que se pode apresentar da verdade do que deixamos dito é o exemplo dos individuos em que ellas se acham alteradas. — Basta a falta das celhas para os olhos andarem constantemente inflammados, a perda de movimento da palpebra, e o seu reviramento produzem doenças que muitas vezes terminam pela cegueira. A ablação das palpebras era um dos castigos que se infligia na antiguidade.

Para concluir o estudo do aparelho protector do olho só nos resta examinar o aparelho lacrimal.

As lagrimas são elaboradas em um corpo arredondado do tamanho d'uma pequena amendoa, que se acha na parte superior da parede externa da orbita que é a *glandula lacrimal*. As palpebras as espalham pela superficie do globo ocular afim de a lubrificar, e as conduzem até ao canto interno do olho, onde se acha um pequeno canal cuja abertura (que se vê facilmente na palpebra inferior) é denunciada por um ponto arredondado e escuro, collocado no bordo livre proximo do canto interno. Esse canal as leva para as ventas.

As lagrimas não só servem para a lubrificação da superficie do olho, conservando-lhe o polido e transparencia que convem, mas obstem tambem á evaporação dos fluidos contidos no olho. — Facilitam a saída dos corpusculos que tem caído no olho, e é até uma pratica vulgar n'esses casos, a de fazer chorar o olho e ao mesmo tempo inclinar a cabeça lateralmente; as lagrimas correndo em abundancia sobre a superficie do orgão arrastam os corpos que encontram no seu caminho, se elles estiverem pouco adherentes. — O olho soffre muito quando a secreção das lagrimas se suprime. Eguamente a glandula deixa de funcionar se o olho se desorganisa profundamente.

Temos feito a analyse rapida do aparelho protector do aparelho da visão, notando o modo como cada uma das partes satisfaz ao seu fim.

O aparelho protector do olho nem sempre é organizado do modo que acabamos de dizer, é sobretudo o aparelho palpebral e lacrimal que mais modificações apresenta quando se estuda nos diferentes animaes.

A maior parte dos peixes não tem palpebras propriamente ditas, ellas são substituidas pela pelle que adelgaçando, e fazendo-se transparente passa pela parte anterior do globo ocular. — O mesmo succede em muitos reptis, sobretudo nas serpentes. Nas aves a terceira palpebra é muito desinvolvida, tem mesmo um aparelho muscular proprio que permite ao animal fazel-a correr por diante do olho. É em consequencia d'esta disposição anatomica que as aves podem fixar o sol.

O aparelho lacrimal falta nos peixes, e se nos lembrarmos dos usos das lagrimas, vê-se que a agua as substitue perfeitamente. Nos cetaceos tambem falta pela mesma razão.

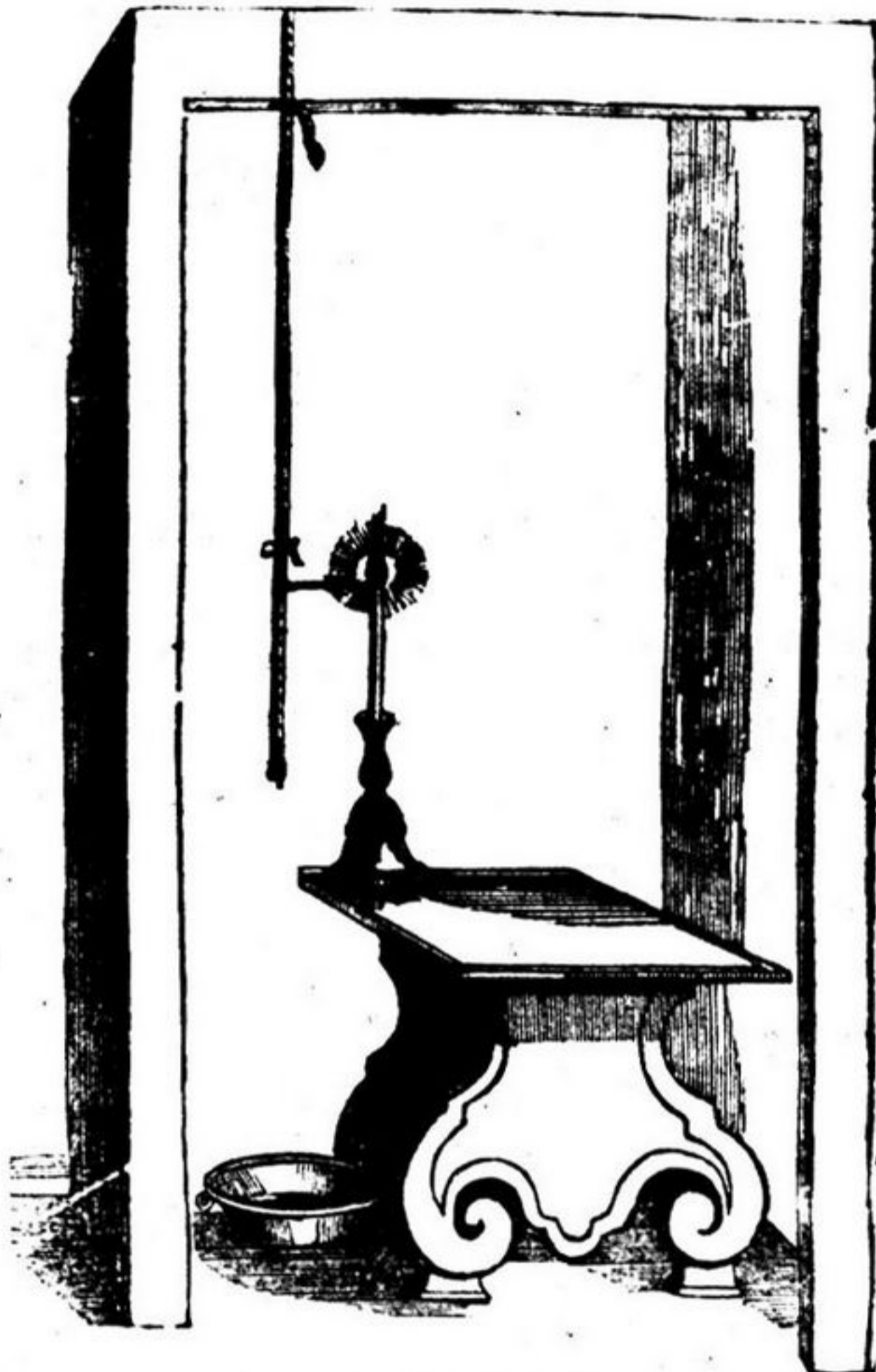
O elephante, a lebre e outros animaes mamiferos apresentam duas glandulas lacrimaes, uma no angulo externo outra no angulo interno. Além d'estas dif-

ferenças ainda se notam outras na disposição de outras partes do aparelho lacrimal, mas menos importantes.

Nas outras classes d'animaes não existe aparelho protector propriamente dito.

Continua.

J. A. DA SILVA.



DESPERTADOR PYROPHORO.

Vêdes suspensa do tecto uma mecha da natureza d'aquellas de que usam os fogueteiros e artitheiros; sabei que sendo convenientemente preparada arde com muita uniformidade de baixo para cima, e a experiencia permite calcular a extensão que será consumida n'um certo espaço de tempo; portanto, pode dividir-se em tantas partes quantas horas deve durar, reunir a sua extremidade inferior por outra mecha pequena impregnada de enxofre a uma bugia ou vela, e finalmente, prender a essa mesma extremidade com um bocado de cordel uma pedra, que chegando ahi o fogo cairá n'uma bacia metallica collocada por baixo. No mesmo momento em que o estrondo da pedra vos acordar tereis o gosto de achar a vela acesa.

Tal é o singular despertador descripto por Fausto Veranzio em sua curiosa compilação, publicada no anno de 1617. É provavel que nunca fosse ensaiado, ou pelo menos posto em pratica. Mas os progressos da sciencia dariam meio de fabricar um, que gossasse da propriedade essencial d'aquelle, sem ter os seus inconvenientes. Bastaria para isso um mecanismo simples de comunicação de movimento entre o engenho de um despertador ordinario e fusil em que se aproveitou a propriedade, que tem a platina esponjosa, de inflammar uma corrente de hydrogenio pelo simples contacto. M.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A. A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

III

Eu sou o homem mais desastrado que se conhece em contar; digo as coisas sempre fora de logar e de tempo. É um sestro terrível, que não posso emendar por mais que faça, sestro abominável sobretudo n'um homem que se atreve a invadir os domínios dos romancistas.

Quando fallei de Beatriz, devia ter acrescentado algumas circumstancias que são necessarias para cabal e clara intelligencia d'esta authentica narração.

Beatriz era filha de uma das nossas mais distintas familias. Seu pae homem de alta educação e fino talento, porém de costumes assaz dissolutos. Em 18... partira para França deixando a filha com cinco annos, entregue aos desvelos de sua mãe. Esta educou-a até aos doze, e morreu depois legando-lhe uma fortuna razoavel, e entregando os cuidados do resto da sua educação a uma irmã, senhora de excessiva bondade.

O pae de Beatriz esqueceu-se da patria e da filha. A tia fôra o unico parente chegado que ficara á bella, e até certo ponto desgraçada menina. É verdade que n'esta encontrou ella inteira a rica herança do affecto maternal. Beatriz era dotada de sensibilidade extrema. Imaginação peninsular impressionavel e ardente. A sua educação desinvólida no seio d'aquelles dois entes que a estremeciam, tinha toda a finura, todo o esmero que é dado a certas e privilegiadas creaturas. Chegou aos quinze annos, foi um dia ao theatro, viu Carlos, e o seu coração infantil bateu precipitado. Sincera, violenta, pura, e instantanea fôra a impressão. Viu o mancebo, e no seu porte elegante, na sua distincta physionomia, nos seus olhos negros e melancolicos decifrou os primeiros mysterios do amor. Elle com aquella habitual indolencia correu os olhos pelos camarotes e não attentou na seductora figura da sua ingenua admiradora. Beatriz que se tinha visto contemplada com enthusiasmo por todos os espectadores, tão indifferentes para ella, sentiu cerrar-se-lhe tristemente o coração quando reconheceu que o mancebo desviava os olhos sem lhe prestar a minima attenção.

No dia seguinte a filha do commendador, sua amiga intima, foi visital-a. Beatriz deitou-se-lhe nos braços chorando como uma creança, e contou-lhe tudo. Historia simples, mas sentida e verdadeira, como os affectos d'aquelle coração apenas saído da adolescencia.

Passaram-se não sei quantos dias, no fim dos quaes foi uma tarde ao Passeio. A sua presença era sempre saudada com phrenesi enthusiastico pelos *monopolistas* das aventuras amorosas. Perfilaram-se em linha de batalha, assestaram as lunetas, adocicaram as cortezias, e ella atravessou por meio d'elles, elegante, vaporosa, innocente e bella como essas visões que nos apparecem em sonhos, mas sem lhes dar a mais pequena importancia.

No fim de um quarto de hora Carlos entrou, e parou junto d'ella; Beatriz estremeceu, apertou o braço da sua companheira, e disse-lhe ao ouvido, com voz balbuciante:

— É elle.

Ora o acaso tinha feito com que o nosso heroe fosse incumbido por um amigo de tratar de uma questão de honra, e vinha ali procurar as testemunhas contrarias, na resolução de sair em continente com ellas, e dirigir-se ao sitio aprasado, para combinar as condições do combate que devia ter logar no dia seguinte.

Como é de suppor, estando preocupado por um negocio serio não prestou grande attenção aos circumstantes. D'esta vez ainda passou indifferente por diante de Beatriz.

— Vês, nem ao menos faz reparo em mim, disse ella á sua amiga.

— Dizem que é um homem sem coração; não consta ainda que mostrasse sympathia por ninguem; deves esquecer-te d'elle...

É impossivel, e quando pudesse não o queria; continuou a pobre menina, reprimindo a custo duas lagrimas que lhe inundaram as brilhantes pupilas. É pelo ver sempre triste, e indifferente com todos que eu o amo, e cada vez mais. Olha, desde aquella noite que se me não tira a sua imagem do espirito. É a segunda vez que o vejo, e acreditas? se me dissesse agora que deixasse tudo por elle fal-o-hia sem hesitar.

Passaram-se as semanas, os mezes; Carlos regressou para a provincia, voltou no anno seguinte emfim, e ella no mesmo estado. Ia a toda a parte, porém raras vezes o encontrava; no silencio e na ausencia a paixão tinha favrado com prodigiosa intensidade. Nas *soirées*, nos bailes, não o vira tampouco; o acaso, a fatalidade fez emfim com que n'esse dia lhe pudesse fallar. Agora comprehenderá o leitor a agitação, a pallidez subita, o desconcerto e alvoroço em que ficou Beatriz, quando inesperadamente o viu junto a si, fallando-lhe, e offerecendo-lhe o braço.

As horas d'esse dia delicioso passaram rapidas. Os olhos de ambos tinham revelado o que as palavras não poderam dizer; por vezes o mancebo a surprehendera contemplando-o em extasis.

O sol começava a declinar no firmamento, as nuvemzinhas esmaltavam-se de variadas côres; das plantas e das arvores em flor aspirava-se um perfume mais suave. Chegara o momento de se separarem: o resto dos personagens havia-se casualmente desviado, e elles encontraram-se completamente sós.

Carlos depois d'alguns instantes de hesitação rompeu o silencio.

— Ha apenas algumas horas que nos fallámos pela primeira vez, e comtudo atrevo-me a revelar-lhe sem hesitar os meus sentimentos. Amo-a, Beatriz, e com todo o ardor da minha alma. Amo-a, e n'esta hora seria um infame se lhe não dissesse inteira a verdade. Eu já me não pertenco; desde a infancia que minha mãe me destinou uma mulher, um anjo de ternura e bondade, que espera descuidada e alegre pelo dia em que possa ser minha á face de Deus e do mundo. — Enganal-a fôra uma covardia indigna do meu character. Quando era livre acceitei sem hesitar, jurei amparal-a com o meu nome, e com a minha fortuna a ella, pobre, desvalida, orphã. Até hoje passei frio e indifferente por todas as mulheres; não a amava, mas pertencia-lhe pelos laços da amizade sincera e intima. O calor suave d'este affecto bastava para me desviar de inclinações passageiras. A fascinação dos seus olhos acabou n'um instante tudo. Concentrados no fundo do coração, os sentimentos atearam-se vivos e ardentes n'um olhar

de paixão. Podia adivinhar o futuro, e devo agora fugir como um covarde diante do sacrificio?

Beatriz fitava-o com os olhos orvalhados de lagrimas, porém lagrimas que pareciam derivar sem esforço, e sem magua. Um sorriso de resignação sublime alegrava os seus labios desbotados.

Era o anjo das emoções divinas que tinha descido á terra para lhe fazer conhecer o amor, e provar-lhe que este é sempre pequeno e vão quando se não mede pela intensidade do mart rio.

— Sabia tudo, conhecia a sua historia, disse ella pegando-lhe na mão com infantil abandono. A confissão que acaba de fazer-me veio confirmar-me na idéa que tinha da nobreza do seu character. Sou feliz, mais feliz n'este instante do que nunca suppuz que o poderia ser no mundo. Admira-se? Não julgava que houvesse uma mulher capaz de comprehender o amor d'este modo? Poucas serão, é verdade, porque ha sempre um fundo de egoismo no seu affecto. Eu desde o primeiro instante em que o vi ameio-o como agora, como heide querer-lhe até ao fim da vida. Indaguei, e soube a sua posição. Vi desde logo que para mim não podia haver felicidade na terra, senão quando tivesse a certeza que este affecto, que esta adoração era correspondida; senti-me grande medindo toda a violencia do sacrificio que me esperava, e achei que o meu amor era digno d'elle. Pertenco-lhe como uma escrava. Sou feliz adorando-o, e tenho plena confiança em Deus que me hade levar do mundo sem que a sombra de um desgosto vá perturbar a felicidade d'esse anjo que deve acompanhá-lo na vida.

Carlos tinha perdido completamente a consciencia do mundo exterior, e chegou a julgar-se transportado a outras regiões.

O som d'aquella voz, a expressão d'aquelles olhos, o sentido mysterioso d'aquellas palavras enleavaram-no a ponto de suppor que estava mais sob a influencia de um sonho, do que na presença de uma realidade.

A filha do commendador, boa e affectuosa amiga de Beatriz, veio prevenil-a de que se aproximavam algumas pessoas.

— Até logo, disse Beatriz, apertando a mão do mancebo. Depois, em voz mais baixa, proseguiu: temos ainda diante de nós alguns mezes de completa felicidade.

Carlos separou-se d'ella, mettu-se no carro, e chegou a Lisboa sem comprehender mais nada de tudo quanto se passara, senão que amava perdidamente aquella mulher.

Continua.

BULHÃO PATO.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XVII.

REGRESSO A CINTRA — DELEITE DO DESCANSO
DEPOIS DA JORNADA.

28 d'agosto de 1787.

Meio dormente, meio acordado, retiniu-me nos ouvidos o sonoro carrilhão do convento; as vozes do marquez e D. Pedro em porfiosa conversação com o capitão-mór no quarto contiguo, completamente me despertaram. Engolimos o café á pressa; o grão

prior largou com reluctancia o travesseiro, e acompanhou-nos á missa conventual. Os frades redobram os esforços para nos reduzirem a jantar com elles; continuámos, porém, inflexiveis, e assim de evitar novas importunações partimos açodados, finda a missa, para a quinta do visconde de Ponte de Lima, onde a fechada sombra dos loireiros e azevinhos nos abrigava do excessivo ardor do sol.

O marquez, sentando-se a meu lado ao pé d'uma das limpidas e copiosas fontes que refrescam e aviventam o magnifico jardim á italiana, encetou um discurso mui serio e semi-official sobre a minha estada em Portugal, e os meios que se projectavam, em mui alta região, para que fosse não só agradável para mim, mas tambem de alguma valia para outros muitos. Alliviou-me a presença de D. Pedro e de seu tio, que tendo passeado até o fim de uma avenida de pinheiros longamente extensa, vieram mudar a conversação que já se me tornava pesada; voltámos todos á poisada do capitão-mór, e achámos o jantar prompto.

D. Pedro e eu tínhamos pena de deixar Mafra; nem poríamos objecção a outra corrida pelos claustros e dormitorios com o frade leigo. A tarde estava brilhante e limpa, e a cor azul do mar distante indissivelmente agradável. Fomos levados com tumultuaria velocidade pelas escabrosas estradas, de maneira que mal podíamos o marquez e eu dar palavra um ao outro. D. Pedro ia montado no seu cavallo, e Verdeil, que nos precedia no carrinho, parecia-nos ir desafiando o vento; o seu macho, um dos mais arrogantes e corpulentos d'esta casta, incitado pelas chicotadas e exclamações de um esgalgado postilhão portuguez empoleirado atraz do vehiculo, galopava desencabrestadamente, e a obra de uma legua das rochas de Cintra assentou de arrojá seus conductores para o meio de umas moitas no fundo de um fojo quasi perpendicular, onde ainda esperneava quando nós passavamos.

Verdeil veio para nós manquejando e apontando para o carrinho caído no barranco; excepto a leve contusão n'um joelho, não teve outro detrimento; exclamou immediatamente que escapara por milagre e que sem duvida santo Antonio tivera mão n'elle. O meu amigo, que traz sempre os horrores da heresia diante dos olhos, cochichou-me ao ouvido que d'esta vez o diabo o tinha salvado, mas que talvez de outra não estivesse tão bem disposto.

Ainda não eram cinco e meia quando chegámos a Cintra; a marqueza, o abbade e os meninos, nos esperavam. Andando-me a cabeça á roda e as idéas tão abaladas e confusas como tinha o corpo, recolhi-me a casa logo ao cair das sombras, affim de gozar umas poucas de horas de não interrompido descanso; o apparatus da minha ampla sala, a sua solidão e silencio, infundiam momentanea tranquillidade no animo agitado. A macia e bem lisa esteira, fabricada do melhor e mais lustroso junco, assumia á luz das bugias uma cor deliciosa, suave e acorde; vi-a tão fresca e brilhante que me estendi n'ella, e ali me deixei estar de papo para o ar, contemplando o cristalino e sereno ceo do verão, e a lua que vinha nascendo vagarosa detraz da coroa de um outeiro mattagoso; uma frouxa viração afastando as cortinas descobria os topos das arvores sylvestres do jardim, e ao longe extenso tracto de paisagem, terminada pela superficie do mar e os ennevoados promontorios.

Continua.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Capella mór.

O pavimento dos presbyterios, e o espaço que cercava o altar era de xadrez. O pavimento do altar, para o qual se subia só por um degrau igual aos que davam entrada da capella para os presbyterios, tinha o mesmo xadrez.

O altar era composto de pedra muito brunida.

Ao meio correspondia-lhe uma porta, cujas hombrelas e vergas eram de marmore vermelho, com ornatos e rosas de embutidos. Por esta porta era a passagem para uma casa, sobre que assentava a tribuna; e para subir a esta havia de cada lado uma escada de pedra, com sufficiente largura e claridade.

Era o retabolo de magnificas e bem lavradas pedras. Dois pedestaes, com seus embutidos assentavam sobre pedras brancas de Genova. Por cima dos pedestaes seguia-se uma cimalha, que corria egualmente pelo vão que ficava entre os pedestaes, e sobre a porta de que acabamos de fallar.

Por cima das molduras que tomavam a largura da tribuna havia tres formosas tarjas; e pela parte superior á cimalha que ornava os pedestaes duas grandes misulas de marmore branco de Genova com embutidos. Por cima d'estas misulas outra cimalha continuada pela parte superior áquellas tarjas.

Sobre as misulas seguiam-se as bases que sustentavam de cada parte duas columnas de vinte e cinco palmos de alto, e cerca de quatro de diametro. Estas columnas eram inteiriças e de feitiço salomnico, e a pedra se extrahi das pedreiras da serra da Arrabida, o que causou muito despendio pelo transporte; pois sendo á custa de grandes fadigas embarcadas em Couna, desembarcaram na Madre de Deus, e d'ahi vieram puxadas cada uma por vinte e cinco juntas de bois para o collegio de Santo António onde foram lavradas.

Os capiteis foram formados de quatro grandes pedras brancas de Genova, lavradas com folhagem, entre a qual se metteram folhas de metal doirado.

Os pés direitos da tribuna eram de pedra lavradas; nos quaes, e no arco que nasce dos ditos pés se metteram treze de Montes Claros, a que se deu o nome de presas.

Tinha a bocca da tribuna dois anjos de meio relevo, e vestidos com roupas que saíam mui graciosamente sobre o branco do corpo, que era de pedra de Genova, onde as ditas imagens se esculptaram. Occupavam o lugar nos seguintes do arco da bocca da tribuna. Estes anjos foram depois aproveitados para o portico principal do hospital de São José, como hoje ali se vêem.

Sobre esta, e sobre os capiteis das columnas corria uma alquitrave, a que se seguia o friso, composto por seis serafins com os cabellos doirados. Estes serafins estavam entre os cachorros que sustentavam a cimalha. Os cachorros eram de marmore vermelho com umas rosas grandes de metal doirado. Por cima corria a cimalha a egualar com a dos lados da capella. Sobre ella, no lugar correspondente ás columnas onde a cimalha ia resalteada, e a prumo dos capiteis das columnas mais proximas á bocca da tribu-

na, se viam outros dois anjos de marmore branco de Genova, com roupas de pedra fina de outra côr, e com uma palma de metal doirado na mão.

Sobre o resalto que fazia a cimalha superiormente ás outras duas columnas mais visinhas aos lados da capella estavam dois genios, de marmore branco de Genova, e tambem lavrados lá, sustendo sobre a cabeça açafates de fructos em pedra de varias côres.

Seguia-se a toda esta obra um painel de figura oitavada representando a visão que Santo Ignacio teve da Santissima Trindade. Era este painel ornado de boas molduras, acompanhadas de cada lado por sua misula. Sobre as molduras e mais ornatos do painel corria uma tarja de marmore preto, tendo assente em lettras doiradas de bronze o nome de *Jesu*, adorado por um anjo de cada lado.

O retabolo era rematado por um grande serafim, de marmore branco, e com os cabellos doirados.

A tribuna compunha-se na maior parte de pedras vindas de fora do reino. Comtudo não eram inferiores a estas umas treze presas de Montes Claros. Tanto n'estas presas, como nas brancas de Genova, embutiram-se umas tulipas de metal doirado. Assim se constituia a bocca da tribuna. Era oitavada. Compunham-a dois pilares de boa pedra branca, sentados sobre seus pedestaes, ornados de capiteis da mesma pedra, e sobre elles uma cimalha que corre por todo o espaço da tribuna.

Correspondente a esta cimalha que termina o primeiro corpo, correspondiam no segundo a cada dois pilares duas misulas ornando a cimalha d'onde sae o tecto da tribuna, todo de marmore.

Além da luz que recebe da capella-mór, tinha dois grandes oculos, ornados de vidros, um ao oriente, e outro ao occidente. Por baixo d'estes oculos correspondia uma porta, excellentemente lavrada. Era por estas que se entrava na tribuna. Ha ainda além d'estas, outra terceira porta, que ia dar para o corredor do collegio, o qual ficava encostado á mesma tribuna.

O throno era de madeira com bom desenho de talha, e todo doirado primorosamente. E para se expor e encerrar o Senhor mandaram os padres fazer umas bellas cortinas de damasco carmesi, com grandes franjões de oiro. Afora estas occasiões estava fechada e coberta a bocca da tribuna com um painel representando Santo Ignacio, revestido sacerdotalmente. No plano inferior ao Santo viam-se quatro homens, representando cada um diversa parte do mundo, e vestido com os respectivos trajés. Estes quatro homens estavam na attitudé de olhar para o Santo.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A moral, e as leis condemnam o assassinio, e o ferimento como crimes; a loucura considera o desafio como acto de honra, e pundonor.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.